



# A potência da Ginástica para Todos(as) nas narrativas de professoras de creche

*The potency of Gymnastics for All in the narratives of nursery teachers*  
*La potencia de la Gimnasia para Todos(as) en las narrativas de maestras de guardería*

Michelle Guidi Gargantini Presta 

Prefeitura Municipal de Monte Mor, Monte Mor, São Paulo, Brasil.   
[mipresta@hotmail.com](mailto:mipresta@hotmail.com)

Eliana Ayoub 

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. [ayoub@unicamp.br](mailto:ayoub@unicamp.br) 

10.31668/praxia.v6i0.14631 

**Resumo:** Neste artigo, que é proveniente de uma pesquisa de doutorado, objetivamos refletir acerca da potência da ginástica para todos(as) (GPT) na formação docente em interlocução com as narrativas de professoras de creche de Monte Mor-SP que participaram de um curso sobre GPT. Quanto à metodologia do estudo, adotamos a perspectiva da pesquisa narrativa e o método interpretativo do paradigma indiciário para análise dos dados/achados, os quais foram produzidos por meio de registros escritos nos cadernos das professoras, do diário de campo da pesquisadora e da transcrição da gravação em vídeo da roda de conversa realizada no último encontro do curso. Neste texto, iremos nos debruçar mais diretamente nos registros dos cadernos das professoras, discutindo três aspectos que indiciam a potência da GPT na formação docente: as narrativas do corpo; as narrativas do processo de criação; e as narrativas da prática docente.

**Abstract:** In this article, which comes from a doctoral research, we aim to reflect on the potency of gymnastics for all (GFA) in teacher education in dialogue with the narratives of nursery teachers in Monte Mor-SP who participated in a course on GFA. As the study methodology, we adopted the perspective of narrative research and the interpretative method of the evidential paradigm to analyze the data/findings, which were produced through written in the participant's registration books, the researcher's field diary and the transcription of the video recording of the conversation held at the last meeting of the course. In this text, we will look more directly at the teachers' registration books, discussing three aspects that indicate the potency of GFA in teacher education: the body narratives; the narratives of the creation process; and the narratives of teaching practice.

## Palavras-chave:

Ginástica para Todos(as).  
Educação Infantil.  
Creche.  
Formação continuada de professoras.

## Keywords:

Gymnastics for All.  
Early childhood education.  
Nursery.  
Continuing teacher education.



**Palabras clave:**

Gimnasia para Todos.  
Educación Infantil.  
Guardería.  
Formación continua de  
profesoras.

**Resumen:** En este artículo, proveniente de una investigación de doctorado, pretendemos reflexionar sobre la potencia de la gimnasia para todos(as) (GPT) en la formación docente en diálogo con las narrativas de maestras de guardería de Monte Mor-SP que participaron en un curso de GPT. En cuanto a la metodología del estudio, adoptamos la perspectiva de investigación narrativa y el método interpretativo del paradigma indiciario para analizar los datos/hallazgos, los cuales se produjeron a través de registros escritos en los cuadernos de las maestras, el diario de campo de la investigadora y la transcripción de la grabación en video de la conversación sostenida en la última reunión del curso. En este texto, miraremos más directamente los registros de los cuadernos de las maestras, discutiendo tres aspectos que indican la potencia de la GPT en la formación docente: las narrativas corporales; las narrativas de procesos de creación; y las narrativas de la práctica docente.

## **Introdução**

O presente artigo é proveniente de uma pesquisa de doutorado realizada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (Presta, 2022)<sup>i</sup> e temos como objetivo refletir acerca da potência da ginástica para todos(as) (GPT) na formação docente em interlocução com as narrativas de professoras de creche do município de Monte Mor-SP, as quais participaram da pesquisa.

Como parte do processo investigativo, oferecemos o curso “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) (GPT) na creche”, o qual foi aprovado pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo como uma proposta de formação continuada. O curso foi realizado no ano de 2018 (com encontros quinzenais, totalizando 30 horas de duração) nas dependências de uma creche municipal que tem um bom espaço físico (incluindo uma sala com tatames) e com localização privilegiada para facilitar a presença das professoras.

A potência da GPT surgiu de forma pessoal<sup>ii</sup> durante o período em que eu cursava a graduação em Educação Física na Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF-Unicamp). Logo no início da graduação, o contato com a ginástica para todos(as), na época denominada ginástica geral (GG)<sup>iii</sup>, tornou-se potente com as vivências de novas práticas corporais e por meio do reencontro com as experiências vividas na infância e adolescência. As peripécias da infância de virar cambalhota, parada de mãos na parede e fazer estrela na rua foram intercruzadas pelas disciplinas de ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica acrobática e ginástica geral. Tais experiências despertaram a curiosidade e o desejo em conhecer e aprender mais sobre as ginásticas.

A ginástica foi se entrelaçando com o ensino e a docência, como monitora do projeto “Crescendo com a Ginástica” (PCG), idealizado e coordenado pela professora Vilma Nista-Piccolo, que tinha como objetivo proporcionar a prática da ginástica rítmica e artística às crianças da comunidade. Schiavon (2003, p. 3) afirma que

Esse projeto foi desenvolvido durante dez anos na Faculdade Educação Física da UNICAMP, tendo sido implantado como projeto de extensão à comunidade, oferecendo aulas de Ginástica para crianças. Foi utilizado como prática de ensino dos graduandos da Faculdade ao transferir os conhecimentos adquiridos em sala de aula para o efetivo desenvolvimento de aulas para crianças; e também como projeto de pesquisa, pois os monitores que desenvolviam o trabalho, orientados pela coordenação do projeto “Crescendo com a Ginástica”, sentiam a necessidade de buscar aprofundamentos em questões nascidas no desenvolvimento desses conteúdos, ensinados a partir de métodos diferenciados dos modelos tradicionais, além de outros fatores que surgiram durante as aulas e os encontros de

orientações aos alunos, que originaram vários trabalhos científicos.

Paralelamente, como integrante do Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física da Unicamp (GGFEF), oferecido no período noturno a todos(as) os(as) estudantes da Unicamp, pude aprender mais a respeito da ginástica para todos(as). O GGFEF fazia parte do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que foi criado por Elizabeth Paoliello e Vilma Nista-Piccolo. Conforme aponta Paoliello (2008, p. 194), o GGU

[...] foi criado em 1989, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como um projeto de pesquisa que tem como principal objetivo fundamentar a prática da Ginástica Geral na Educação Física Escolar e Comunitária, oferecendo um banco de ideias aos professores que pretendem desenvolver essa atividade mesmo sem terem, em seus locais de trabalho, os aparelhos tradicionais da Ginástica<sup>iv</sup>.

Ainda segundo Paoliello (2008, p. 194), “A Ginástica Geral é aqui entendida como uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica, integrando-as às demais formas de expressão corporal, de maneira livre e criativa”.

Concomitantemente à minha participação no GGFEF, ao assistir várias apresentações do GGU, a partir da minha admiração e curiosidade como plateia, comecei a me interessar pela proposta desenvolvida pelo grupo, o que reverberou posteriormente em minha atuação profissional como professora de educação física na escola.

São muitas as produções que se referem à proposta de GPT do GGU, dentre as quais mencionamos: Paoliello et al., 2014; Graner, Paoliello e Bortoleto, 2017; Ayoub, 2003 e 2021<sup>v</sup>. De acordo com Ayoub (2021, p. 278-279),

Em linhas gerais, a proposta de GPT do GGU assume os seguintes aspectos para o seu desenvolvimento: a exploração da gestualidade de diferentes manifestações da ginástica em diálogo com outras práticas corporais, com e sem materiais diversificados, com e sem a utilização de música; a ênfase em ações que potencializam as interações humanas, podendo gerar diversas formas de produção de conhecimento nas relações com o outro; a valorização das experiências de cada participante; o incentivo à criatividade, à autossuperação e à ludicidade; o processo coletivo de criação das composições coreográficas, apoiado na inventividade e na assunção das contradições que a práxis coletiva pode suscitar no decorrer da experimentação criativa.

Tomando como referência essa proposta, menciono uma experiência marcante vivida em 2004, quando me aventurei a escrever um projeto sobre GPT e apresentá-lo em uma escola da rede particular de Monte Mor-SP, propondo a GPT como atividade extracurricular na educação infantil, ensino fundamental e médio. Durante essa experiência, tive a oportunidade de preparar algumas apresentações às mães, aos pais e familiares, o que me trouxe muita satisfação, pois eu queria muito que todos(as) conhecessem a GPT. As aulas aconteciam no pátio central da escola, o que me dava a oportunidade de mostrar parte do trabalho desenvolvido, e isso foi bom. Ao final da primeira apresentação, uma professora que atuava com a segunda série do ensino fundamental I, procurou-me e disse: *após conhecer o seu trabalho observei que as apresentações não precisam ser padronizadas, com todas as crianças fazendo passos iguais ao mesmo tempo e/ou usando o mesmo material.*

A potência da GPT despontou na narrativa dessa professora e, desde então, eu percebi que a GPT poderia estar presente na prática docente de mais professoras pedagogas. Reconheço que essa potência anunciada na fala da professora também se configurou como um impulso para a proposição, anos mais tarde, do curso “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) (GPT) na creche” como parte constitutiva da pesquisa de doutorado, tomando como referência a proposta de GPT do GGU.

As atividades de ginástica para todos(as) vivenciadas no curso envolveram elementos gímnicos, atividades rítmicas, jogos e brincadeiras, exploração de diferentes materiais e processos coletivos de criação, tendo em vista a valorização da expressão corporal como linguagem (Coletivo de Autores, 1992; Ayoub, 2021). Ao longo do curso, as professoras foram convidadas a narrar as experiências vividas em cadernos de registro, entrelaçando as reflexões, percepções e sensações que surgiram a partir das práticas corporais relacionadas à GPT.

Quanto à metodologia do estudo, adotamos a perspectiva da pesquisa narrativa, apresentada por Clandinin e Connelly (2015) e o método interpretativo do paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) para análise dos dados/achados, os quais foram produzidos por meio de registros escritos nos cadernos das professoras, do diário de campo da pesquisadora e da transcrição da gravação em vídeo da roda de conversa realizada no último encontro do curso. Neste artigo, iremos nos debruçar mais diretamente nos registros dos cadernos das professoras.

Em se tratando de uma pesquisa narrativa, reiteramos que a construção deste texto está atravessada pela narrativa pessoal da primeira autora, uma vez que “Nossa história de vida atravessa e é atravessada pela pesquisa que realizamos. O tempo é, de certo modo, uma constante, um eterno presente” (Aguiar; Haddad, 2021, p. 19).

Após o final do curso, o caderno de registro de cada professora foi digitalizado com a autorização delas, sendo devolvido posteriormente. Por meio dessa entrega de algo pessoal, que gentilmente foi compartilhado conosco, as professoras nos permitiram conhecê-las para além dos nossos encontros durante o curso.

As narrativas das professoras expressam a riqueza de cada um desses encontros, trazendo as vozes das participantes em relação às experiências vividas com a GPT, pois, na pesquisa narrativa, isso é importantíssimo, como apontado por Clandinin e Connelly (2015, p. 117): “O pesquisador narrativo pode notar histórias, mas mais frequentemente registra ações e fazeres, além de acontecimentos, tudo aquilo que constitui expressões narrativas”.

Tais narrativas aparecerão de maneira literal conforme foram apontadas em seus cadernos de registro e estarão com letra destacada em itálico<sup>vi</sup>. Seus nomes são fictícios e foram escolhidos por elas.

Nossas reflexões no diálogo com as professoras serão abordadas a seguir de forma a entrecruzar as práticas corporais propostas no curso e as narrativas das professoras, versando sobre três aspectos que indiciam a potência da GPT na formação docente: as narrativas do corpo; as narrativas do processo de criação; e as narrativas da prática docente.

## O que nos contam as professoras

As **narrativas do corpo** mostraram-se envolventes, a ponto de substituírem a sensação de cansaço por uma sensação de prazer, que possibilitou sorrir e se divertir. A professora Margarida nos contou em seu caderno de registro o seguinte: *gostei muito desse encontro, não foi cansativo e sim prazeroso onde pude interagir com as pessoas que ainda não conhecia*. Relacionar-se com pessoas desconhecidas fez a professora se sentir bem, mas nem sempre esse é o sentimento predominante, pois para a professora Dani, conforme registro em seu caderno: *a atividade foi divertida, no início um pouco estranho, por serem várias pessoas, algumas desconhecidas, deu certa “vergonha”*. Sentir vergonha pode ter sido um fator limitante para a professora se expor corporalmente, ter medo de errar etc., e pudemos observar que inicialmente várias professoras expressaram esse mesmo constrangimento.

Durante a proposta de espreguiçar e torcer o corpo acomodadas nos colchonetes com os olhos fechados, as professoras passaram a criar gestos primeiramente deitadas, experimentando diferentes níveis até chegar na posição em pé. No semblante das professoras, pudemos observar certa tranquilidade diante da proposta, pois conseguiram ficar um tempo com os olhos fechados. As professoras trouxeram prioritariamente em seus gestos a referência de alongamento de academia

de ginástica (mesmo não tendo sido usada essa nomenclatura de alongamento e sim de espreguiçar), segmentado por grupo muscular, provavelmente advindo de experiências anteriores, vivências da educação física escolar e/ou de práticas de academias, como ginástica aeróbica, localizada ou musculação etc. A professora Ná mencionou que, mesmo com um cansaço do dia de trabalho, as práticas corporais propostas no curso ajudaram a vencer essa barreira: *neste dia, eu cheguei no encontro muito cansada, mas depois que a professora começou a fazer as atividades a cansaça desapareceu*. Por meio dessas vivências, encontramos indícios de que as professoras passaram a conhecer mais o corpo, sentir a musculatura, identificar as limitações e perceber a necessidade de se movimentar.

Como continuidade da proposta anterior, propusemos um momento de escuta e percepção do corpo, na posição em pé, com o intuito de perceber a musculatura por meio da contração e relaxamento voluntários de diferentes partes do corpo (rosto, membros inferiores e superiores, abdômen etc.). A professora Iara comentou em seu caderno de registro que *foi muito interessante sentir todos os músculos, pois no dia-a-dia, não reparamos nas funções que eles têm*.

Escolhemos a corda grande para fazer uma vivência, um material comumente encontrado em várias escolas ou de fácil acesso. Fizemos algumas variações de pular com a corda grande, como por exemplo: só passando por baixo; pulando uma vez, duas, três etc. Vivenciaram, igualmente, essas possibilidades em duplas, trios e quartetos. A professora Má compartilhou o seguinte: *essas atividades foram muito boas, nos divertimos muito com o pular corda. Pensei que não fosse conseguir, cansaria facilmente, pois faz muitos e muitos anos que não pulo corda. Mas venci os desafios, ao mesmo tempo que nos exercitávamos, foi divertido. Gostei*. Na proposta de pular corda, lembraram da infância, recordaram as brincadeiras com as(os) amigas(os) na escola e na rua. Vários comentários das professoras nos seus cadernos de registro revelam memórias das brincadeiras da infância que vieram à tona com muita potência e foram por elas relatadas como momentos felizes dessa fase da vida. A professora Dani contou: *a brincadeira com corda fez recordar brincadeiras da infância, me fez lembrar de uma professora que trabalhou comigo*.

As **narrativas do processo de criação** mencionaram as construções coletivas de frases gestuais por meio do compartilhamento de movimentos, o enfrentamento da timidez e a alegria de elaborar e assistir às composições coreográficas. Ao longo dos encontros, fomos solicitando que fizessem pequenas composições coreográficas, de maneira individual e coletiva. Valorizamos também os momentos em que as participantes pudessem apreciar as suas produções como um espetáculo, algo a ser valorizado e compartilhado. Em sua maioria, a proposta foi de



explorar os movimentos de forma simples e individual, para posteriormente criar junto com as colegas outras possibilidades, elaborando coletivamente uma sequência de gestos.

A professora Márcia apontou em seu caderno de registro que, ao assistir as apresentações das colegas, *temos outra visão estando sentada assistindo o espetáculo*. E a professora Bel registrou que já estava pensando em novas composições: *combinamos como iremos fazer na próxima*. Nesse sentido, a professora Rose nos contou: *foi uma atividade muito prazerosa que me fez refletir sobre minha condição física. Gostei muito deste trabalho, pois é uma oportunidade de conhecer melhor nosso corpo e de ficar mais à vontade tendo que apresentar para outras pessoas*. Já para a professora Thaís, conforme escreveu no caderno de registro, a vivência de apresentar despertou outro sentimento: *eu em particular vou ter que me esforçar bastante para fazer essas atividades devido à timidez e à vergonha que tenho*.

A professora Dani escreveu que *percebeu que tinha dificuldade em criar movimentos diferentes*, no momento relacionado ao processo coletivo de criação já citado anteriormente. Pensamos que essa dificuldade da professora Dani está intimamente relacionada com a possibilidade de vivenciarmos diferentes práticas corporais que potencializem nossas experiências gestuais; ou seja, experimentar, assistir e aprender mais sobre a GPT, certamente poderá auxiliar na conquista de maior confiança para a realização de movimentos diferentes daqueles que habitualmente estamos mais familiarizadas.

No ritmo da música, uma das propostas foi caminhar e bater palmas, até que conseguíssemos sincronizar nossa gestualidade com o ritmo da música. Em seguida, partimos para explorar algumas formações grupais como “sombra, espelho, irmãos siameses e cardume”. Essas formações grupais e algumas de suas variações foram aprendidas ao longo da graduação na FEF-Unicamp e, dentre outras propostas gímnicas, são apresentadas por Pérez Gallardo (1993).

Como próxima etapa desse processo de composição coreográfica, solicitamos que as professoras retomassem as duplas do encontro anterior e dessem continuidade à sequência de gestos acrescentando mais oito tempos de movimento usando o que tinha sido criado naquele dia. Ficamos surpresas, pois as composições ficaram bem interessantes; elas lembraram a composição do encontro anterior e acrescentaram alguns gestos que surgiram na vivência daquele encontro. A qualidade dos gestos se mostrou na diversidade apresentada pelas professoras e no envolvimento com a proposta, e novamente tiveram a oportunidade de assistir à composição das colegas. A professora Márcia reforçou em seu caderno de registro o prazer que sentiu ao ver a apresentação das outras professoras: *todas ficaram ótimas e com a junção ficou excelente a apresentação*.

Nessa direção de oportunizar novos aprendizados foi que, no encontro seguinte, propusemos um diálogo entre a GPT e o poema “Apneia”, de Paulo Azevedo (2017). Nós tivemos acesso ao áudio do poema gravado pelo próprio autor. Ao ouvir o poema, cada professora foi convidada a escolher uma frase e a partir disso elaborar um gesto ou uma combinação gestual que tivesse relação com o trecho escolhido.

Podemos dizer que um poema pode causar fortes emoções, ao mesmo tempo em que pode despertar lembranças de coisas simples da vida, dentre outras. A proposta do trabalho nesse dia teve a intenção de trazer esse diálogo entre a arte, a GPT, a palavra e o gesto.

Como valorização do processo criativo e das múltiplas relações que surgem dele, as frases gestuais criadas em diálogo com “Apneia” foram combinadas coletivamente em composições coreográficas. No momento da apresentação dos grupos, comunicamos que elas fariam com uma música e que as composições seriam registradas em vídeo, como já tínhamos feito em outros momentos. Pelos olhares e comentários, observamos que elas não imaginavam que isso daria certo, pois fizeram e ensaiaram a composição coreográfica com o poema e não com a música.

No entanto, depois de pronto e apresentado, elas se surpreenderam e disseram que tinha ficado bom e que parecia até que tinham ensaiado com a música. Num próximo encontro, elas tiveram a oportunidade de se ver nas filmagens feitas durante a prática dessa proposta, proporcionando uma experiência estética de apreciação de si mesmas e das colegas. Não acreditamos que praticar GPT deva ser exclusivamente para participar de apresentações e/ou festivais, mas sim defendemos que tal prática pode ser muito valiosa às professoras após participarem do processo de criação de uma composição coreográfica. Conforme explicita Ayoub (2003, p. 70), “Nessa perspectiva, a demonstração, a apresentação, o espetáculo, o festival de GG revela sentido na medida em que reflete uma proposta de trabalho de ginástica geral”. Além dessa composição coreográfica, as professoras do curso já tinham participado de outros momentos, já descritos anteriormente, em que foram convidadas a elaborar uma sequência corporal e depois apresentar às colegas.

Essa experiência de elaboração de uma composição coreográfica a partir do poema despertou diferentes sentidos para as professoras. A professora Aninha compartilhou o seguinte em seu caderno de registro: *saí desta aula me sentindo muito leve, muito boa a experiência vivenciada, principalmente o envolvimento com todo o grupo.* Já para a professora Dani, a prática corporal a fez lembrar de um outro momento de formação: *foi bem diferente a experiência de ouvir o poema deitada no chão. Ao apresentar a frase com os gestos, me lembrei da professora de libras, da faculdade, que explicou que para os surdos cada nome representa*



*um gesto quando forem “falar”*. Ela se referia à proposta de escolher uma frase do poema e transformá-la em gesto. Para a professora Lu, foi uma experiência difícil, conforme ela mencionou no caderno de registro: *não consegui, senti muita dificuldade*. A GPT traz em sua proposta o respeito aos diferentes sentidos que são produzidos em sua prática, respeitar essas tensões faz parte do trabalho que estávamos construindo. Verbalizar esse sentimento nos mostra que a professora Lu estava confortável para expressar o que a incomodou e agradou diante das várias propostas.

A professora Kelly, ao escrever em seu caderno de registro, salientou: *esse momento foi prazeroso, momento de ouvir, refletir e criar*. Mas também um momento de ansiedade, medo com aquilo que estava por vir. Ao mesmo tempo em que achou interessante participar desse processo, pontuou certa insegurança com as propostas vindouras. Em muitos momentos dos encontros, principalmente nesses relacionados ao processo coletivo de criação, ressaltamos que, como a proposta de GPT adotada não trabalha com uma ideia rígida de certo ou errado, cada professora poderia mostrar aquilo que se sentia mais segura para realizar.

Outra proposta envolveu a exploração de alguns fundamentos da ginástica relacionados a equilíbrios, saltos e rolamentos com caixas de papelão. Solicitamos, via *e-mail*, que elas trouxessem caixas de papelão para o encontro, a fim de garantir que todas tivessem material disponível para a realização da atividade. As professoras trouxeram caixas de tamanhos variados, com e sem tampa, as quais se juntaram às que deixamos separadas na escola.

Realizamos propostas como: caminhar segurando as caixas de vários modos ao som de músicas; explorar sons com as caixas e equilibrar o material em diferentes partes do corpo; fazer poses/estátua variando os apoios dos pés e das mãos no chão, assim como de outras partes do corpo; brincar com a caixa imaginando outras funcionalidades, como por exemplo, carrinho, trem, mala etc.; realizar movimentos com as caixas no nível alto, médio e baixo; fazer saltos, rolamentos e manipulações diversas com a caixa; selecionar alguns gestos explorados individualmente e elaborar uma pequena sequência; depois compartilhar as criações em duplas e em quartetos, a fim de elaborar uma composição coreográfica com as caixas.

A exploração com as caixas foi surpreendente. A maioria das professoras conseguiu entrar na brincadeira e fazer com bastante envolvimento. Depois escreveram em seus cadernos de registro o quanto esse processo de criação despertou as inúmeras possibilidades de manipulação com as caixas, como por exemplo, enfatizou a professora Dani: *não sabia que havia tantas possibilidades para se fazer com uma caixa de papelão*; e, ainda, a professora Margarida: *foi uma aula maravilhosa e o quanto dá para explorar uma caixa*.

No que se refere às **narrativas da prática docente**, ao vivenciar as práticas corporais propostas ao longo do curso, as professoras refletiram sobre a sua atuação docente e em como poderiam realizar atividades semelhantes com as crianças na escola, apesar de não ser o objetivo primordial da formação.

Embora não fosse nossa intenção propor atividades para serem “aplicadas” com as crianças, as repercussões relacionadas à prática docente apareceram frequentemente. Um exemplo disso ocorreu quando, após caminhar no ritmo da música, a professora Drica visualizou algumas formas de levar essa vivência para a escola na turma em que atuava: *muitas vezes, a gente fica fazendo só dança das cadeiras e esquece que o simples caminhar no ritmo da música já muda a proposta com as crianças*. A professora Ná se sentiu incentivada nesse encontro, relatou em seu caderno de registro: *quero ler e pesquisar mais sobre o tema*, demonstrando que, para aprender algo, é necessário pesquisar e buscar. E a professora Malu escreveu em seu caderno de registro: *devemos renovar, diferenciar, buscar caminhos mais complexos sobre o assunto a ser abordado*.

Por outro lado, a professora Márcia narrou o seguinte: *eu já fazia cambalhota com a minha turma, e muita gente fica assustada, mas no curso eu aprendi a fazer a cambalhota melhor, certinho, porque eu fazia puxando pelo quadril e eu aprendi no curso a segurar no quadril, é muito mais fácil, porque você ajoelha, não cansa tanto e eles amam*.

Nos relatos da roda de conversa final, encontramos algumas estratégias que as professoras usaram para propor as práticas às crianças nas escolas. A professora Nina disse que aprendeu muito em relação às cambalhotas e que realizou algumas vezes com as crianças em formato de circuito, inserindo algumas atividades, já que tem muitas crianças e o tempo é curto, justificando que dessa maneira consegue propor mais atividades e com todas as crianças. A professora Nilda também se sentiu segura em propor às crianças e nos contou em seu caderno de registro: *estou ensinando a virar cambalhota, e alguns já estão perdendo o medo*. Questões relacionadas ao receio das crianças se machucarem apareceram com muita frequência nos relatos das professoras. A professora Drica enfatizou: *com as crianças temos que ter todo o cuidado e “técnica” para esses tipos de rolamentos podendo ocorrer algum acidente, se não for feito do modo correto*. Esse é um tema recorrente quando se trata da “área de movimento”, pois as professoras apontam com frequência não possuir conhecimento adequado para propor às crianças.

O fato de aprender a ensinar o rolamento foi algo marcante na fala das professoras e nos escritos dos cadernos de registro, trazendo segurança. Mesmo aquelas que não se arriscaram a rolar, escreveram que, ao ajudar as colegas durante o curso, se sentiram capazes de propor na escola. Nessas narrativas, encontramos indícios do quanto relacionaram essa vivência gímnica com a prática docente, pois ao



ver materiais nas ruas ou nas escolas elas já estavam pensando em possibilidades de planejamento de propostas com as crianças.

Em relação à exploração gestual com as caixas de papelão, a professora Márcia registrou: *eu ainda não consegui trabalhar com a caixa, eu “tô louca” pra trabalhar com caixa, parecia tão banal, e ela conseguiu fazer tanta coisa, e as crianças amam brincar com sucata. E você faz e estimula a criatividade delas, eu acho que isso é a coisa mais gostosa na creche.*

Experimentar o processo de criação com as caixas de papelão mostrou também a simplicidade que o trabalho na creche pode ter, pois um material que iria para descarte foi transformado e explorado criativamente. Para a professora Kelly, foi uma surpresa esse momento usando as caixas, pois não imaginava que seria possível elaborar uma composição com esse material. Ela escreve em seu caderno de registro: *confesso que fiquei surpresa ao ver as caixas, mas fiquei feliz pela minha ideia ter sido útil e contribuir com os aprendizados do curso.* A professora Márcia, referindo-se igualmente a esse encontro, registrou em seu caderno o que segue: *foi um trabalho maravilhoso, fiquei com vontade de trabalhar com os meus pequenos as caixas, queria já fazer no outro dia e a aula me fez refletir e ter vários insights para trabalhar com meus alunos, não só sobre a caixa, mas trabalhar no geral com eles.*

Novamente observamos que, ao vivenciar com o corpo e no corpo, as professoras se remetem ao trabalho com as crianças, e em alguns encontros isso ficou marcado de maneira mais forte. A professora Malu escreveu em seu caderno de registro que decidiu propor uma vivência com caixas de papelão inspirada pela aula: *levei algumas caixas de tamanhos diferentes. As crianças entravam e saíam de dentro delas, colocavam na cabeça, brincavam de carrinhos etc.* A professora Dani, após o encontro, pensou em sua prática docente, e viu uma possibilidade de usar as caixas com suas crianças. Ela nos contou que: *umas das aulas preferidas foi a da caixa. Eu acho que a da caixa foi a mais diferente que a gente teve, eu gostei muito e eu não coloquei nenhuma das aulas no planejamento. Mas no outro dia, eu já fazia na escola, eu não aguentava, porque se eu esperar chegar o planejamento eu não vou fazer mais. Chegou no outro dia e eu fui à área de reciclagem da escola e tinha um monte de caixas, levei tudo para dentro da sala do berçário e aí a gente já começou a brincar.*

As vivências levaram as professoras a brincar e a pensar sobre a brincadeiras, o que mostrou-se muito potente em suas narrativas, assim como afirma Assis (2019, p. 50): “Defendo uma formação em que as professoras brinquem sim, e brincando aprendam sobre si mesmas e sobre ensinar a brincar, e o mesmo poderia ser dito sobre a dança, a ginástica e outras práticas [...]”.

Do mesmo modo, a professora Márcia quis levar essa proposta para a escola, a sua própria experiência corporal a fez refletir sobre a sua prática, tornando-se um ato formativo. Isso nos remete ao início dos encontros, quando pontuaram que vieram

ao curso para aprender novas possibilidades. Esse registro é mais um dos indícios dos possíveis diálogos na formação docente que estavam sendo mobilizados por meio das vivências no curso.

## **Considerações finais**

Ao revisitar os cadernos de registro das professoras, pudemos experimentar nosso movimento como pesquisadoras, vendo, lendo e relendo o que foi dito e intuindo o não dito, e pudemos perceber o quanto as professoras estavam ali por inteiro, quantos conhecimentos e saberes foram compartilhados e produzidos e quantos laços foram estreitados. Esse movimento mostrou-se muito potente no processo, pois a cada apontamento das professoras conseguimos reviver o curso e analisar como elas viveram nossos encontros, e como esses registros foram se tornando significativos na realização desse curso de formação com elas, por meio de um trabalho coletivo.

Em relação às **narrativas do corpo**, foi possível conhecerem melhor o próprio corpo, identificarem suas limitações e perceberem a importância de se movimentar. No que diz respeito às **narrativas do processo de criação**, ao criarem colaborativamente pequenas composições por meio do compartilhamento de gestos e ideias, perceberam as possibilidades do processo criativo em grupo, venceram a timidez e desfrutaram da alegria de criar e assistir às composições coreográficas. E no tocante às **narrativas da prática docente**, as experiências vividas com a GPT refletiram sobre a sua atuação docente, inspirando o desenvolvimento de propostas com as crianças na creche, uma vez que a GPT valoriza a adaptação de espaços e materiais com a finalidade de oportunizar a vivência da ginástica.

Ressaltamos, por fim, a importância desse movimento de narrar as experiências nos cadernos de registro, o que revelou um despertar das professoras em relação ao entendimento da GPT como uma possibilidade de trabalho e como uma área a se aprofundar por meio de estudo. Na leitura dos seus escritos, pudemos rememorar o vivido e mergulhar nos sentidos da experiência narrados por elas, possibilitando adensar os diálogos acerca da potência da GPT na formação continuada de professoras de creche.

## **Referências**

AGUIAR, Thiago Borges de; FERREIRA, Luciana Haddad. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa da investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-22, 2021.

- ASSIS, Marília Del Ponte de. **Corpo e práticas corporais na formação em pedagogia**: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas. 2019. 165f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e educação física escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- AYOUB, Eliana. **Memórias da educação física na escola**: cartas de professoras. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- AZEVEDO, Paulo Emílio. **Depois dos vinte, prometo escrever o romance e me chamar Machado de Azevedo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Orgs.). **Ginástica para Todos**: um encontro com a coletividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.
- PAOLIELLO, Elizabeth. Nos bastidores da Ginástica Geral: o significado da prática. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). **Ginástica geral**: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008.
- PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp**: 25 anos. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (Org.). **Educação Física escolar**: ser... ou não ter? Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 117-136.
- SARÔA, Giovanna Regina. **A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores**. 2017. 164f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- SARÔA, Giovanna Regina; AYOUB, Eliana. A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 414-432, out./dez. 2018.
- SCHIAVON, Laurita Marconi. **O projeto crescendo com a ginástica**: uma possibilidade na escola. 2003. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Recebido em: 13/11/2023

Aprovado em: 14/12/2023

Publicado em: 23/04/2024

---

<sup>i</sup> A investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Unicamp, por meio do parecer número 2.484.284, CAAE: 81098417.5.0000.8142. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

<sup>ii</sup> Os trechos que aparecem na primeira pessoa do singular referem-se às experiências pessoais da primeira autora deste artigo.

<sup>iii</sup> Ginástica para todos é a nomenclatura designada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 2006 em substituição ao termo ginástica geral. Algumas(uns) autoras(es) citadas(os) neste texto utilizam o termo ginástica geral. Destacamos, ainda, que iremos adotar a terminologia ginástica para todos(as), com a inclusão de “(as)”, conforme Ayoub (2021), a qual defende a importância dessa marca de gênero na linguagem, sobretudo nos estudos que envolvem majoritariamente as mulheres, como é o caso desta investigação.

<sup>iv</sup> A história de constituição do GGU pode ser igualmente conhecida na pesquisa realizada por Sarôa (2017), na qual a autora realiza entrevistas com todas(os) as(os) coordenadoras(es) do grupo. Esse estudo foi também publicado como artigo (Sarôa; Ayoub, 2018).

<sup>v</sup> Dentre tantas, citamos as produções que estão presentes nos Anais do Fórum Internacional de Ginástica para Todos, realizados há mais de 20 anos numa parceria entre a Unicamp e Serviço Social do Comércio (Sesc). Nessas publicações, podemos encontrar uma rica diversidade de trabalhos com a GPT que se inspiram na proposta do GGU. Os Anais estão disponíveis em: <https://www.forumgpt.com/2022/anais>.

<sup>vi</sup> As narrativas das professoras passaram por correções ortográficas quando necessário.

